

O Momix de volta com sua mistura fina

O grupo americano apresenta pela terceira vez no Brasil a saborosa combinação de dança, luz, humor e objetos de cena que o tornou famoso no mundo todo

Sem prejuízo de suas outras virtudes, o grupo Momix, que visita o Brasil pela terceira vez em mais uma escala de sua contínua turnê mundial, especializou-se em misturar e viajar. Desta vez com sete bailarinos e sem a presença de Moses Pendleton, seu procurador traz no programa 12 coreografias, oito delas inéditas em São Paulo. Combinar novas atrações e números que o público possa reconhecer é uma das receitas desses finos misturadores, cuja linguagem reúne objetos de cena, luz e sombra, dança e humor.

Um dos números novos, criado por Moses Pendleton, Cynthia Quinn e Beth Starosta, chama-se **Natural Endowment for the Arts** (Dotação Natural para as Artes), que brinca com o National Endowment for the Arts, a instituição do Congresso dos EUA encarregada de distribuir verbas para as artes e sob ruidoso bombardeiro de críticas por seus critérios crescentemente moralistas. O Natural Endowment, diferente do N.E.A., são dotes naturais para a arte — na coreografia do Momix, generosos seios e nádegas acrescentados à silhueta de uma das bailarinas. “Não fizemos de propósito”, diz Beth Starosta. “Começamos pela silhueta cômica de uma personagem imaginária achamos graça nela e a apelidamos de dotada para as artes”, lembra. A coreografias do Momix, segundo Beth Starosta, podem nascer dos mais variados pretextos — uma per-



Leonardo Castro/AE

Beth Starosta: a mais veterana dos bailarinos da terceira geração do Momix

sonagem, uma música, um movimento bonito, capturado pelo câmara implacável de Moses Pendleton ou por um objeto qualquer. **Medusa**, por exemplo, um dos itens do programa desta visita ao Brasil, começou com um guarda-chuva que alguém levou para o estúdio.

O Momix viaja dez meses por ano. Veio da Grécia para o Rio, parte de São Paulo para Lon-

dres e, depois de uma excursão pelos Estados Unidos, vão ainda este ano a Tai-pan e ao Japão. Uma vez por ano, durante um mês, concentra-se na fazenda-estúdio de Pendleton em Connecticut, a duas horas de Nova York. “O estúdio é num celeiro, mas trabalhamos também ao ar livre, e Moses grava em vídeo tudo o que fazemos. Preparamos o jantar juntos e depois, na sala, re-



SERVICO

Momix. Direção artística de Moses Pendleton. Com Karl Baumann, Fred Garbo, Tim Harling, Kelly Holcombe, Beth Starosta, Rebecca Stenn e Owen Taylor. Dias 22, 23 e 24, no Teatro Sérgio Cardoso, às 21 horas. Ingressos a Cr\$ 3.000,00

■ **Pendleton com a filha, Quinn Elizabeth, numa coreografia de 1987**

“vemos os vídeos, conversamos e jantamos. É divertidíssimo”, descreve Beth Starosta.

Momix era o título de uma coreografia de Moses Pendleton para a Companhia Pilobolus, que ele ajudou a fundar. Ex-campeão de esqui, bailarino, coreógrafo, roteirista e encenador, (e nos últimos tempos videomaker e fotógrafo) Pendleton criou o grupo Momix em 1980. O elenco atual é a sua terceira geração. O grupo original, com exceção de Pendleton, saiu para formar a companhia **Iso** e os sucessores destes deixaram o Momix para se dedicar a outras ocupações: um dos bailarinos casou, outro cansou, outro foi ser trapezista de circo. A companhia, organizada em torno de Pendleton, tem dimensões elásticas: pode ter qualquer tamanho entre três e 14 pessoas, de acordo com as necessidades de cada espetáculo, mas seu elenco mais constante é formado por quatro bailarinos. Depois de Pendleton e de sua esposa, Cynthia Quinn, que trabalha de vez em quando com o grupo, a componente mais antiga do Momix é Beth Starosta, uma ex-bailarina clássica que há três anos trocou as posturas empertigadas e os coques apertados pelas acrobacias e irreverências do Momix.